



**A ASSIMETRIA DA DISTRIBUIÇÃO DE PODER NO BRASIL (PÓS)  
COLONIAL:** Ilustração do tratamento de grupos minoritários por meio da série  
televisiva “The Boys”

**THE ASYMMETRY OF POWER DISTRIBUTION IN (POST)COLONIAL BRAZIL:**  
Illustration of the treatment of minorities groups through the television series "The Boys".

Thiago Augusto Galeão de Azevedo<sup>1</sup>

Laíze Aires Alencar Ferreira<sup>2</sup>

**Resumo:**

A política de tratamento das minorias no contexto brasileiro colonial era a de dominação, omissão e de invisibilidade das minorias por parte da metrópole lusitana que escravizavam negros, dominavam territórios indígenas e objetificavam mulheres. Mesmo após a transição para a modernidade, ainda resiste o discurso de gradação e hierarquia da humanidade. O presente artigo utiliza elementos metodológicos do recorte pós-colonial para analisar a política de tratamento das minorias no contexto brasileiro colonial e contemporâneo. O colonialismo estrutural, o capitalismo e o fascismo contemporâneo são utilizados como referência para ilustrar a relação entre colonizador e colonizados, a qual é geralmente trágica do ponto de vista sociocultural, econômico e político para os povos originários. O objetivo do artigo é fazer uma interseção entre o tratamento dispensado às minorias no Brasil, por meio da análise de elementos presentes na série norte-americana "The Boys", com o intuito de compreender a persistência do discurso de gradação e hierarquia da humanidade e trazer possíveis soluções a seguinte pergunta problema: Como seria possível romper com a lógica colonialista quando são ainda os homens em posição de poder quem estruturam as regras do jogo? A pesquisa foi realizada por meio de investigações de cunho exploratório, com análise e revisão bibliográfica de artigos, livros e periódicos teoricamente orientados pelo referencial decolonial.

<sup>1</sup> \* Professor da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Amazonas (FD-UFAM); Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal do Amazonas (PPGDIR/UFAM); Pós-doutor em Direito - Universidade de Brasília (UNB); Doutor em Direito - Universidade de Brasília (UNB); Mestre em Direito - Centro Universitário do Estado do Pará (CESUPA); Especialista em Direito Homoafetivo e Gênero - Universidade de Santa Cecília (UNISANTA); Bacharel em Direito - Centro Universitário do Estado do Pará (CESUPA); Advogado (OAB/MT 26.888-B). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5496674400879290>. Endereço Eletrônico: [thiagogaleao@hotmail.com](mailto:thiagogaleao@hotmail.com).

<sup>2</sup> \* Bacharel em Direito e Especialista em Direito Público pela Universidade do Estado de Roraima (UERR) e aluna regular do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal do Amazonas em Constitucionalismo e Direitos na Amazônia (PPGDir/UFAM). Advogada (OAB/RR 1748). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6571471446395671>. Endereço Eletrônico: [adv.laizealencar@gmail.com](mailto:adv.laizealencar@gmail.com).



**Palavras-chave: Minorias. Colonialismo. Capitalismo. Facismo. The Boys.**

**Abstract:**

The policy of treatment of minorities in the colonial Brazilian context was one of domination, omission, and invisibility of minorities by the Portuguese metropolis, who enslaved blacks, dominated indigenous territories, and objectified women. Even after the transition to modernity, the discourse of gradation and hierarchy of humanity still persists. This article uses methodological elements from the post-colonial perspective to analyze the treatment of minorities in both the colonial and contemporary Brazilian contexts. Structural colonialism, capitalism, and contemporary fascism are used as references to illustrate the often tragic socio-cultural, economic, and political relationship between colonizers and colonized peoples, particularly Indigenous peoples. The objective of this article is to intersect the treatment of minorities in Brazil through an analysis of elements present in the American series "The Boys," with the aim of understanding the persistence of the discourse of gradation and hierarchy of humanity and to provide possible solutions to the following research question: How is it possible to break with the colonial logic when it is still men in positions of power who structure the rules of the game? The research was conducted through exploratory investigations, with analysis and bibliographic review of articles, books, and periodicals theoretically oriented by the decolonial reference.

**Keywords: Minorities. Colonialism. Capitalism. Fascism. The boys.**

## 1. INTRODUÇÃO

A política colonial no contexto brasileiro era a de dominação, ou seja, de omissão e invisibilidade das minorias aos olhos da metrópole lusitana. Acontece que mesmo após a transição para a modernidade, o tratamento de inferioridade destinado aqueles que não fazem parte do setor patronizado da sociedade – branca, hétero, rica – é determinada por um discurso de gradação e hierarquia da humanidade.

Com isso, o presente artigo tem por objetivo fazer uma interseção entre a política colonial e outros elementos presentes na série norte-americana “The Boys”, como a ilustração do capitalismo e fascismo contemporâneo por meio de sátira, além de outros temas e situações pertinentes à sociedade e ao sujeito moderno.

É que apesar das narrativas propostas na referida série representarem um mundo fantasioso, infelizmente, elas atravessam de modo nada sutil este “mundo real” e, embora superpoderes não sejam críveis, os “micropoderes” da sociedade, principalmente aqueles de





influência política, são estendidos para além de suas legitimidades com o fito de favorecer interesses pessoais, ainda que isso resulte em diversas práticas subjugas às minorias.

A concessão de muito poder, sem suficiente coerção popular e governamental, acarreta o abuso de autoridade e apagamento das minorias como aconteceu por quase dois séculos no Brasil cujas constituições foram representativas de interesses das classes dominantes, ao invés de defender segmentos sociais historicamente excluídos da sociedade.

Parte-se da premissa que a exclusão social e a negação de direitos sociais básicos são naturais da política brasileira vigente – axiomas – uma vez que o projeto de poder foi pautado numa visão fundamentalmente discriminatória e de negação dos direitos socioculturais, começando desde os povos indígenas originários. Assim, tem-se que a história aponta um enfrentamento entre colonizadores e colonizados como uma tragédia do ponto de vista sociocultural, econômico e político.

A verdade é que tal como acontece na série televisiva aqui retratada, a lógica colonial nunca saiu de cena. Dentre as inúmeras possibilidades de reflexões que o seriado “The Boys” proporciona, o artigo intenciona abordar algumas questões estruturais, culturais e filosóficas que tratam acerca da dominação de povos, hierarquização e a perpetuação do poder.

A pergunta norteadora é: Como, na sociedade moderna, seria possível romper com a lógica colonialista quando são ainda os homens em posição de poder quem estruturam as regras do jogo? A série remete a reflexões sobre a sociedade contemporânea, cujo discurso conservador e apoiado numa moral burguesa, branca, heteronormativa tem predominado em uma parte considerável da população e perpetuados quando na elaboração de estratégias e políticas públicas, o que demonstra fortes resquícios da era colonial.

“The Boys” retrata como uma sociedade medíocre em que a elite com pequenos poderes se não matam diretamente as pessoas, o fazem por omissões e (in)ações políticas, levando a cabo uma política genocida a grupos inteiros. Com o intuito de detalhar as possíveis causas e buscar uma solução à problemática, o trabalho desenvolve-se em três seções.

Primeiramente, iniciaremos a discussão demonstrando como a política brasileira pós-colonial e seu discurso elitista-discriminatório é manifestado pelo colonialismo eurocêntrico. Em seguida, a ideia é basicamente desenhar essa estrutura comparando situações ocorridas e trazidas à tona na série “The Boys”, demonstrando como as violências são praticadas contra e enfrentadas por minorias em razão do supradito padrão de poder consubstanciado na experiência da colonização.



Após, um outro tópico é aberto para tratar da influência do capitalismo e do fascismo contemporâneo cujo intento é problematizar o capitalismo em um plano mais abstrato e crítico, aplicando-se aos impactos sobre as minorias, ao tempo em que demonstra a possibilidade de práticas fascistas ainda na contemporaneidade, para que ao fim, seja possível encontrar uma boa resposta à problemática levantada.

Então, por fim, o presente artigo visa trazer algumas reflexões sobre a perpetuação desse sistema excludente e possíveis alternativas para desconstrução e efetiva descolonização, isto é, sugerir possíveis proposições para o desfazimento da estrutura de poder colonial até o seu rompimento, sem a intenção de esgotar as possibilidades ou de impor uma verdade absoluta.

Ademais, quando se fala da metodologia, cabe dizer que o recorte do pós-colonialismo no presente estudo não é feito apenas por um viés temporal, mas sim reconhecendo as (inter)dependências entre ex-colonizadores e ex-colonizados e o modo como eles criaram – e continuam a criar – conflitos.

Por sua vez, no que toca aos procedimentos, o presente artigo é resultado das investigações de cunho exploratório realizadas por meio de análise e revisão bibliográfica de artigos, livros e periódicos teoricamente orientadas pelo referencial decolonial, bem como a partir da formação de pensamento crítico por meio de debates e reflexões levantados em sala de aula.

## 2. A POLÍTICA DE TRATAMENTO ÀS MINORIAS SOCIAIS: DO COLONIALISMO AO PÓS-COLONIALISMO

Logo de início, é necessário esclarecer um ponto de confusão: uma minoria não é a parcela da população que está em menor número na sociedade. O conceito de minorias mais amplo, conforme definição do sociólogo Mendes Chaves (1971) se refere a

[...] um grupo de pessoas que de algum modo e em algum setor das relações sociais se encontra numa **situação de dependência ou desvantagem em relação a um outro grupo**, “maioritário”, ambos integrando uma sociedade mais ampla. As minorias recebem quase sempre um tratamento discriminatório por parte da maioria.

É partindo desta premissa que a construção do conceito de minoria não tem suporte no número de pessoas, mas sim no fato de uma ideia de grupo diferente em relação à maioria da sociedade que se pretende traçar a política de tratamento destinada aos minoritários: a subjugação.



O tratamento excludente de determinados grupos quando da participação ativa nas relações de poder tem por base o referencial de tratamento colonial. A princípio, a definição das minorias sociais se dá por razões étnicas, linguísticas e culturais.

Houve ainda uma necessidade de ampliação do conceito de minorias para outros grupos em situação de vulnerabilidade nas sociedades modernas, tais como: idosos, mulheres, deficientes, população LGBTQIA+ e pessoas em situação de rua, cujos problemas enfrentados são diferentes, porém, oriundos de um mesmo lugar de discriminação.

Falando um pouco sobre a condição dos povos indígenas na realidade brasileira, observa-se que ela foi uma das primeiras a serem registradas. Isso não só porque é uma questão histórica e data do descobrimento do Brasil, mas também pelo fato de ainda ser socialmente desprezada, além de ser violenta e preconceituosa. Conforme Silva (2018), o próprio termo “índio” utilizado até hoje não tem unidade concreta, nem semântica, expressando a marca histórica contraditória da colonização.

A palavra “índio” foi definida pelos colonizadores portugueses, que acreditavam terem chegado às Índias, e durante todos esses anos, o termo foi socialmente ligado a pessoas primitivas. E mesmo quando a intenção era a promoção de políticas públicas, as diretrizes costumavam ser aplicar uma ética disciplinadora e moralizadora dos povos originários por meio da construção dos aldeamentos coletivos e da catequese para “civilizar” os indígenas, tinha-se que se tratava de política indigenista apenas pela menção ao “índio”<sup>3</sup>.

A visão eurocêntrica presente na condução da vida política, econômica, religiosa e cultural do Brasil, culminou na imposição de que a sociedade brasileira haveria de ser essencialmente “branca”, “católica” e ocidentalizada se quisesse dar certo como nação. Seguiu-se, portanto, a lógica da colonialidade.

De acordo com Beltrão et. Al. apud Quijano (2005) a colonização tinha como um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista, fundado na imposição de uma classificação racial e ética da população, usada para justificar a exploração dos recursos naturais nas colônias.

Todavia, mesmo passada essa fase inicial da república brasileira, muito pouco se avançou no que diz respeito às questões sociais e políticas referentes aos indígenas, o Estado brasileiro prolongava a cultura da indiferença, da “invisibilidade” em relação às populações

---

<sup>3</sup> Aqui se faz uso da palavra “índio” justamente com o intuito de demonstrar a generalização mencionada por Silva acerca da atecnia do termo para se tratar de povos indígenas.



étnicas. Então, uma vez integrados à colônia, pode-se dizer a grosso modo que os indígenas desapareciam, muito embora ainda continuassem presentes na sociedade.

No que toca a invisibilidade de grupos étnicos, observa-se que esta é uma característica da branquitude, um lugar de privilégio, poder e ideologia fundado nesse sistema colonialista que transmitiu configuração às subjetividades de indivíduos e orientou lugares sociais para brancos e não brancos.

Mas não é diferente o tratamento destinado a outras minorias. Em relação às mulheres, é comum a implementação de projetos de exploração econômica pelo uso de seus corpos. Por conta da sociedade patriarcal e heteronormativa, a inserção de mulheres nos setores públicos, por exemplo, ocorreu de maneira secundária unicamente pelo fato do sexo ser interligado ao mundo privado dos cuidados com o lar, com o cozer e as procriações. O servir doméstico – como fonte de trabalho e renda – é um bom exemplo em que as mulheres eram e ainda são submetidas.

Mesmo hoje, as mulheres ainda enfrentam obstáculos significativos no acesso a oportunidades e direitos iguais. A disparidade salarial entre homens e mulheres é um exemplo de discriminação no local de trabalho, onde as mulheres muitas vezes recebem menos por trabalhos iguais ou semelhantes. Bourdieu (2014) explica que esta hierarquia é reforçada por meio de estruturas sociais, culturais e econômicas que dão aos homens mais poder e controle sobre as mulheres.

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembléia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres [...] (BOURDIEU, 2014, p. 18).

Além disso, a discriminação de gênero também se manifesta em muitas outras formas, como a limitação do acesso das mulheres à educação e ao controle sobre suas próprias vidas reprodutivas. A discriminação das minorias, porém, não se limita apenas a questões de gênero havendo também diminuição de pessoas em relação à orientação sexual e sua própria identidade de gênero, ainda que de forma velada.

Um emblema é a questão do "pink money", termo utilizado para se referir ao poder de compra e à influência dos consumidores LGBTQIA+. A comunidade "gay" tem um grande poder de compra e é frequentemente vista como um mercado-alvo por empresas que desejam se conectar com esse público, contudo, não são raras as empresas que se aproveitam da



identidade de gênero ou sexual das pessoas para fins lucrativos, sem realmente se importar com a luta pela igualdade e inclusão.

Nesse sentido, Foucault (2014, p. 34) sustenta que:

“[...] a **sexualidade**, longe de ter sido reprimida nas sociedades capitalistas e burguesas, **se beneficiou**, ao contrário, **de um regime de liberdade constante**; não se trata de dizer: o poder, em sociedades como as nossas, é mais tolerante do que repressivo e a crítica que se faz da **repressão pode, muito bem, assumir ares de ruptura, mas** faz parte de um processo muito mais antigo do que ela e, segundo o sentido em que se leia esse processo, **aparecerá como** um novo episódio na atenuação das interdições ou **como forma mais ardilosa ou mais discreta de poder**.”

Com isso, o poder de compra da comunidade LGBTQIA+ por vezes é utilizado para encobrir a discriminação ou a falta de esforços para promover a inclusão e a igualdade. Michael Foucault vai denominar esse fenômeno de biopoder cujos conceitos são melhor tratados e adequados ao tema no último capítulo.

O ponto é que, ainda em 2023, evidencia-se um ponto de vista autoritário adotado pelo Estado e pela própria sociedade que, ainda que de forma velada, continua a demonstrar como a política brasileira pós-colonial e seu discurso elitista-discriminatório é manifestado pela a lógica colonial etnocêntrica, hétero e padronizada.

De acordo com Bragato (2016), esta situação ainda perdura justo por conta da lógica da colonialidade, em que os discursos de desumanização graduam os seres humanos em diferentes escalas de valor, acentuando a violação seletiva de direitos humanos por meio da discriminação.

Tais situações sempre desafiam a capacidade do Estado Democrático de Direito em administrar diferenças sem fragmentar ainda mais a própria sociedade. O quadro colonial perpetua o processo excludente das minorias, o que é possível perceber de diversas situações evidenciadas na série “The boys”.

### **3. UM PARALELO ENTRE A SÉRIE TELEVISIVA “THE BOYS” E A PERSPECTIVA COLONIALISTA**

A perspectiva colonialista age como conjunto de ideias e práticas que defendem a dominação e exploração de outros povos, culturas e territórios em nome de um suposto "progresso" ou "civilização", podendo ser vislumbrada como uma tragédia sociocultural, econômica e política.



Na série televisiva retratada neste capítulo observa-se que assim como no mundo real, a lógica colonial de estruturação do poder não saiu de cena. Embora possam parecer temas distantes à primeira vista, há um paralelo a ser feito entre a crítica social de "The Boys" e a perspectiva colonialista. Ambas apontam para a ideia de que há uma elite que detém o poder e que explora ou oprime aqueles que estão abaixo dela.

A série televisiva "The Boys" apresenta uma crítica à sociedade e ao sistema em que vivemos, mostrando um grupo de vigilantes que tenta expor a verdade por trás dos super-heróis corporativos. Na série, os super-heróis corporativos são apresentados como figuras manipuladas e perigosas, que usam seus poderes para benefício próprio e para manter o *status quo*.

Por isso, dentre as inúmeras reflexões que a série "The Boys" proporciona, aborda-se aqui algumas questões estruturais, culturais e filosóficas acerca da dominação de povos e a perpetuação do poder, buscando realizar um entrecorte entre elementos presentes no mundo distópico da série norte-americana e a realidade.

Como fora pontuado na seção anterior, mesmo após o fim (formal) do colonialismo, continuam a prevalecer discursos conservadores com suporte em uma moral burguesa, branca, heteronormativa e com fortes resquícios da época colonial, os quais ainda tem muita relevância sobre uma parte considerável da população, sendo perpetuados quando da elaboração de estratégias e de políticas públicas.

"The Boys" é uma adaptação da história em quadrinhos de mesmo nome, criada por Garth Ennis e Darick Robertson e consiste em uma paródia do universo de super-heróis altruístas e idealizados, haja vista que a série tenta retratar seus personagens imaginando como seria se humanos comuns fossem dotados de muito poder.

Tal cenário não é muito difícil de ser imaginado afinal, se no mundo real, os políticos, por exemplo, já são conhecidos no senso comum por abusar da sua influência com a intenção favorecer a interesses próprios, imagine se estes possuíssem os superpoderes.

Eles são vistos como uma elite que se considera acima da lei e que tem acesso a recursos ilimitados. Essa mesma dinâmica pode ser observada em muitos contextos coloniais, onde a metrópole (ou país dominante) controla as colônias (ou países dominados) e explora seus recursos naturais e humanos.

Aliás, a questão vai muito além dos representantes parlamentares e executivos, tendo em conta que a sociedade, como um todo, enquanto sociedade brasileira, se deixa corromper



influindo em elementos de socialização do brasileiro ou mesmo do processo de colonização. Assim, sobre “The boys” é caricata.

É uma série que fala sobre o poder das grandes corporações, sobre manipulação e sobre tudo aquilo que não queremos falar na nossa sociedade. Mesmo sendo enredada por uma narrativa de ficção científica, ela dispõe de aspectos que aproximam a trama do público que a assiste, e pode ser resumida em uma frase do século XIX: “o poder corrompe, o poder absoluto corrompe absolutamente”. (TOLEDO, et. Al. 2021)

Sobre essa questão do poder e da influência das corporações, a série faz ainda uma crítica contundente ao capitalismo corporativo e à forma como ele pode distorcer a moralidade e a ética, colocando o lucro acima de tudo. A série alerta sobre os perigos de uma sociedade em que as empresas têm um poder desproporcional e podem influenciar a cultura e as políticas públicas em detrimento da população em geral.

É interessante esse paralelo entre a série televisiva e a realidade pois o seriado problematiza diversas questões e situações reais. A primeira delas é o racismo implicado em ideais como a “salvação da América”, traduzida no lema de uma das personagens principais, o Capitão Pátria: “a liberdade tem um preço”.

Esses ideais dão suporte aos “sups”, personagens assim chamados na série por serem dotados de super poderes, uma vez que justificam a morte de civis, geralmente não brancos e pobres, afirmando se tratar de efeito colateral da luta do bem contra o mal, bem parecido com conflitos na sociedade brasileira, a exemplo de milícias nas favelas brasileiras.

Sob a mesma ótica, também se exemplifica o genocídio dos povos indígenas no Brasil que, sob a argumentação de serem estes motivos de atraso para o desenvolvimento socioeconômico brasileiro e “óbice” das atividades pecuárias, agrícolas e industriais, foram violentados e remetidos ao deslocamento forçado de suas terras tradicionalmente ocupadas, ficando invisíveis à sociedade regional.

A série “The Boys” ilustra este tipo de progresso desesperado. Um progresso que custe o que custar e que na verdade sempre quis explorar os recursos das terras indígenas, é perpetuado pelos grandes donos do poder econômico (os setores bancários, armamentistas, minerários, farmacêuticos, da construção civil, do agronegócio) que possuem interesse em divulgar uma imagem negativa dos indígenas.

As grandes corporações tomaram conta da arena política e querem convencer a nação de que “é preciso crescer e os ‘índios’ atrasam o desenvolvimento do País”. É possível observar



na série esta ilustração, quando demonstram que determinados discursos políticos são utilizados para propagação de ideias insanas e discursos nacionalistas.

A telessérie também traduz o fascismo em sua verdadeira face. Ou seja, ao invés daquele estereótipo de que o fascismo é universal, é perceptível em “The boys” que a ideologia fascista é deliberadamente dirigida a todas as pessoas marginalizadas, utilizando-as como bode expiatório para perpetuar o preconceito e ódios pré-existentes.

Na série, a Vought International, instituição que detém o poder e o utiliza para controlar a vida dos indivíduos, representa como o poder corporativo pode se infiltrar na política, na mídia e na cultura popular. A empresa usa os super-heróis como uma forma de propaganda e marketing, promovendo uma imagem idealizada e perfeita dos heróis para o público em geral, o que gera um enorme impacto cultural e influência sobre a sociedade, mas a série mostra a todo momento a distância entre o discurso e a prática da empresa.

A Vought é retratada como uma espécie de governo paralelo e, assim, é capaz de influenciar a política e moldar a opinião pública de acordo com seus interesses. A segunda temporada trouxe como enredo a história da personagem Tempesta, uma “sup” explicitamente que usa calúnias étnicas anti-asiáticas como motivo para legitimar o assassinato de um homem japonês.

A “sup” conhecida por sua personalidade “sincera” faz sucesso com estes discursos nas redes sociais, aproveitando de sua fama para alastrar sua ideologia preconceituosa de supremacia branca, uma vez que Tempesta tem como alvo os grupos marginalizados assim como os neonazistas contemporâneos fazem.

Contudo, a imagem que a empresa Vought vende não mostra a demagogia anti-imigrante e a luta antiminorias que se tornou central para os movimentos de extrema direita nas últimas décadas e que continua a repercutir os estereótipos coloniais, sobretudo na conjuntura atual, em que o avanço do fascismo tem legitimado fortemente a violência contra os povos etnicamente diferenciados e as práticas coloniais que colocam em risco todas as conquistas democráticas recentes.

Tanto que na série, além Tempesta, o Capitão Pátria também exploram o nacionalismo e o pânico xenófobo. Eles alertam sobre a ameaça de terroristas imigrantes ilegais superpoderosos ecoando diretamente a retórica republicana porquê o nacionalismo fascista e a demonização de pessoas marginalizadas são populares.



É uma retratação de como o ódio e o medo à diversidade social foram mobilizados em prol do autoritarismo que promoveu, direta ou indiretamente, o extermínio das minorias, como seria o caso dos povos indígenas e negros. Além disso, mesmo dentro do grupo privilegiado dos Sete, ela empurra Trem-Bala para fora do time por ele ser preto.

Da mesma forma, “The boys” também retrata a hiper sexualização do corpo da mulher quando, por exemplo, da escolha dos uniformes da personagem Luz Estrela cuja sexualidade é explorada e comercializada pela empresa. No episódio, ela foi obrigada a utilizar uma roupa mais curta por esta ser mais comercial. Isso pode ser visto como uma crítica ao capitalismo de consumo, que utiliza a sexualidade como uma forma de vender produtos e obter lucro.

Sem contar que a mesma personagem já havia sido assediada por um outro membro dos “Sete”, afirmando que a sua permanência naquele grupo dependia de uma prática sexual com ele reforçando, assim, aquela ideia de Bourdieu (2014) de que as relações de poder são construídas e mantidas através da distribuição desigual de recursos culturais, econômicos e simbólicos na sociedade.

Ainda com o intento de deixar clara a perspectiva colonial, elitista e trazida à tona na série, importa trazer mais um exemplo clássico: O “Pink Money”, que, conforme já pontuado é usado como referência ao enorme poder de compra e influência dos consumidores LGBTQIA+. A indústria, com a falsa intenção de se conectar à comunidade “gay” como forma de representação, utiliza, na verdade, esse nicho de mercado como meio de exploração de capital, uma clara violência simbólica.

A representação deste momento na série televisiva se dá quando Capitão Pátria descobre que a personagem Maeve, com quem havia mantido uma relação amorosa, é na verdade apaixonada por outra mulher. Na ocasião, Capitão Pátria ficou enfurecido enquanto a empresa Vought viu neste contexto mais uma boa oportunidade de lucrar com a imagem de Maeve, aproximando-a do público LGBTQIA+ por meio de estereótipos. Nada distante da realidade, a indústria utilizou o poder de compra da comunidade gay para encobrir a discriminação ou a falta de esforços para promover a inclusão e a igualdade.

Portanto, “The Boys” retrata como uma sociedade medíocre em que a elite com “micropoderes”, se não matam diretamente as pessoas, o fazem por suas omissões e (in)ações políticas, levando a cabo uma política genocida a grupos inteiros. E, infelizmente, isso não é apenas fantasia, mas uma lupa sobre a sociedade atual. Michael Foucault vai denominar esse fenômeno de biopoder.



#### 4. PARA ALÉM DA TELEVISÃO: FACISMO CONTEMPORÂNEO, BIOPOLÍTICA E CAPITALISMO

No Brasil, fato que a visão eurocêntrica presente na condução da vida política, econômica, religiosa e cultural, culminou na imposição de que a sociedade brasileira haveria de ser essencialmente “branca”, “católica” e ocidentalizada, se quisesse prosperar.

Como diz Quijano (2005):

[...] no processo de constituição histórica da América, todas as formas de controle e de exploração do trabalho e de controle da produção-apropriação-distribuição de produtos foram articuladas em torno da relação capital-salário (de agora em diante capital) e do mercado mundial. Incluíram-se a escravidão, a servidão, a pequena produção mercantil, a reciprocidade e o salário.

Percebe-se então que além da visão colonialista há outras questões que levam às práticas retratadas na série, como o sistema econômico capitalista que reflete de forma acentuada quando se trata de transparecer as desigualdades sociais e impactos do colonialismo na subjugação de grupos que não estão inseridos nas características elitistas supramencionadas, os quais tendem a ser discriminados e marginalizados.

Foucault (2014) denomina esse fenômeno de biopolítica, uma vez que a biologia e a política são utilizadas em conjunto nas estratégias de estruturação de poder capitalistas. Este conceito se refere ao uso do poder político para gerenciar e controlar a vida dos indivíduos e pôde ser devidamente exposto através da análise da instituição que detêm o poder na trama de “The boys”, a Vought.

A série relaciona-se à biopolítica de Michel Foucault através da análise das instituições que detêm o poder na trama, dos mecanismos disciplinares utilizados para moldar o comportamento dos indivíduos e do controle do corpo e da sexualidade como uma forma de exercício de poder. De acordo com Foucault, a biopolítica é exercida através de mecanismos disciplinares que moldam o comportamento e o pensamento dos indivíduos, tornando-os cada vez mais submissos e controláveis.

[...] a Biopolítica está marcada pela politização da vida e esta foi exercida, na Biopolítica Governamental Estatal, através do controle dos processos biológicos pelo Estado, conduzindo-os de acordo com o seu interesse. Nesta nova esfera, própria à Biopolítica Econômico Neoliberal, a vida novamente é politizada, entretanto, desta vez o encontro entre a política e a biologia é representada pela Biogenética [...] (GALEÃO DE AZEVEDO, 2017, p. 18).



Na série, podemos observar esse mecanismo em ação através do uso de tecnologia e propaganda para controlar a opinião pública e manipular a percepção das pessoas em relação aos super-heróis. Além disso, a série também aborda temas relacionados ao controle do corpo e da sexualidade conforme recortes realizados no segundo tópico, o que é um outro aspecto da biopolítica destacada por Foucault.

Através dos super-heróis, que possuem habilidades físicas e sexuais extraordinárias, a série questiona os limites do controle sobre o corpo humano e o uso do poder para explorar e subjugar os mais vulneráveis. Este biopoder se mostra como um elemento intrínseco ao capitalismo, que só pôde ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos.

Com isso, percebe-se que o capitalismo e o biopoder estão intimamente ligados, uma vez que o sistema econômico pode ser visto como uma forma de exercício de poder sobre as vidas e os corpos dos indivíduos (FOUCAULT, 2014).

Assim, entende-se que o capitalismo contemporâneo é baseado na lógica da biopolítica, visando maximizar o controle sobre os corpos e as vidas dos indivíduos, em detrimento de valores como a liberdade, a autonomia e a solidariedade.

Para além do capitalismo, *The Boys* também aponta como o fascismo contemporâneo, aliado à todas as críticas já realizadas, é capaz de manipular e controlar a vida humana, usando a biotecnologia e a engenharia genética para criar novas formas de poder e controle sobre as pessoas.

O fascismo contemporâneo é entendido como uma adaptação do fascismo histórico ao contexto atual, com ênfase no nacionalismo, autoritarismo, populismo e violência, bem como no uso da tecnologia e das redes sociais para se conectar e promover suas ideologias:

Uma estrutura de poder que se reinventa, passando de uma lógica estatal para a neoliberal, em que as práticas fascistas não vão se exercer de forma idêntica ao passado, uma vez que a lógica do poder sofreu alterações e está em modificação de forma permanente, uma vez que não ser a mesma é uma estratégia para a sua reprodução e dominação. (GALEÃO DE AZEVEDO, 2017, p. 16).

Ademais, para seja implementado, o facismo contemporâneo precisa de uma divisão social. Essa situação pode ser facilmente vista na série “*The boys*” e é tratada na literatura pelo autor Jason Stanley (2018). O autor afirma que a política do ‘nós’ e ‘eles’ a tensão entre os



grupos sociais é expressa, portanto, como identificadora da nação e essencial na legitimação do “nós” enquanto povo virtuoso. Na série, o “nós” é a Vought e seus sups.

Considerando que o Fascismo oprime uma parcela da população, a série ainda aborda a questão da resistência contra essas formas de poder opressivas, representadas pelos personagens principais, que se unem para lutar contra a Vought e seus super-heróis, mesmo que isso signifique colocar suas próprias vidas em risco.

É que, segundo Stanley (2018, p. 29), "o fascismo busca substituir verdades complexas por slogans simples, diversidade complexa por uma uniformidade imposta e discordância por unidade." Com isso, tem-se a tendência de o fascismo simplificar a realidade, reduzindo-a a slogans e estereótipos, e de buscar impor uma uniformidade forçada, eliminando a diversidade e a discordância.

Stanley (2018) conclui ainda que a política fascista acaba por normalizar o absurdo, isto é: preconceitos, ataques à igualdade, racismo e divisões sociais. Assim, apesar da implementação de algumas condições ideologicamente extremistas, elas não são assim reconhecidas.

Na série "The Boys", pode-se notar que os personagens principais, Hughie e Billy Butcher, lutam contra uma organização fascista contra "Os Sete", enquanto agem na tentativa de silenciar e eliminar qualquer pessoa ou grupo que se oponha a eles, incluindo aqueles que se levantam em defesa da diversidade e da liberdade, mas isso não é visto por todos. Por aqueles que são “controlados”, principalmente.

Trata-se então de uma crítica contundente ao capitalismo, ao fascismo contemporâneo e à cultura corporativa e, aliando essa crítica à biopolítica teorizada por Foucault, é possível evidenciar as formas pelas quais o poder é exercido e como ele se manifesta no controle da vida e da identidade, a partir da perspectiva colonial.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dito na introdução, a intenção do artigo era trazer uma reflexão acerca da perpetuação desse sistema excludente e possíveis alternativas para desconstrução e efetiva descolonização das minorias, isto é, sugerir possíveis proposições para o desfazimento da estrutura de poder colonial até o seu rompimento.



Assim, regressando à questão central do artigo, sobre o significado de descolonizar a diferença, a pesquisa realizada mostra ser este um processo político e cultural cujas condições de possibilidade são contextuais e estão em constante transformação. Por isso, descolonizar a produção de diferenças é garantir que esse processo resulte permanentemente em novas relações, que não estejam marcadas por hierarquias prévias, lógicas de diminuição e silenciamento.

Se pensarmos na maneira as sociedades ocidentais trataram a “diferença indígena”, vemos que ela se construiu por relações que não eram simplesmente desiguais na distribuição dos “equivocos” que ela gerava, mas, sobretudo, na produção das verdades, mitos, saberes e poderes. Assim, a ideia é que não se deve apenas defender o povo indígena ou ainda tentar inseri-los na sociedade a todo custo, a ideia é que passe a vê-los como diferentes que também são sujeitos de direitos e que merecem igual tratamento. O mesmo é aplicável às demais minorias: mulheres, gays, pretos, pobres.

A série “The Boys” foi certa ao roteirizar e narrar série fazendo com que se enxergue a realidade, ainda que satirizada. Assim, espera-se que a série, tratando de assuntos delicados que precisam ser debatidos de maneira mais profunda e realista, traga algum tipo de reflexão para seus expectadores, mormente a forma de enxergar e lidar com as minorias.

A luta contra a lógica colonialista requer ações e mudanças em várias esferas da sociedade, incluindo a política, a economia, a cultura e a educação. É verdade que muitos homens ocupam posições de poder nessas esferas, mas isso não significa que todos os homens estejam alinhados a este pensar. É importante reconhecer que existem homens que também lutam contra o colonialismo e o patriarcado.

Por meio da metodologia adotada, ou seja, o recorte do pós-colonialismo, foi possível entender a dinâmica de conflitos entre ex-colonizadores e ex-colonizados. A partir das reflexões sobre a continuação e ainda, a perpetuação desse sistema excludente por tempo indeterminado, entende que para romper com a lógica colonialista, é necessário criar espaços para que as vozes das pessoas colonizadas e marginalizadas sejam ouvidas e levadas em consideração.

Dentre as possíveis proposições para o desfazimento da estrutura de poder colonial até o seu rompimento, tem-se a de dar mais espaço e poder para as mulheres, pessoas negras, indígenas e outras pessoas marginalizadas na sociedade. Também é importante que essas pessoas tenham acesso a recursos e oportunidades para se desenvolverem e se tornarem líderes em suas próprias comunidades.



Além disso, é preciso educar a sociedade sobre o impacto do colonialismo e patriarcado em nossas vidas. É necessário questionar as normas e os valores que perpetuam essas estruturas de poder e trabalhar para criar novas narrativas e histórias que valorizem a diversidade e a igualdade.

Em suma, a mudança requer esforços coletivos e sistêmicos para dismantlar as estruturas de poder coloniais e patriarcais que perpetuam a desigualdade e a injustiça em nossa sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. C. **Aspectos das políticas indigenistas no Brasil. Interações (Campo Grande)**, [S. l.], v. 19, n. 3, p. 611–626, 2018. DOI: 10.20435/inter.v19i3.1721. Disponível em: <https://interacoesucdb.emnuvens.com.br/interacoes/article/view/1721>. Acesso em: 16 jun. 2022.

BRAGATO, Fernanda. **Discursos desumanizantes e violação seletiva de direitos humanos sob a lógica da colonialidade**. In: Quaestio Iuris. Rio de Janeiro, vol. 09, nº 04, p. 1806-1823, 2016.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina – A condição feminina e a violência simbólica**. 1a ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, de 5 de outubro de 1988. 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm). Acesso em: 18 jun. 2022.

CHAVES, Luís de Gonzaga Mendes. **Minorias e seu estudo no Brasil**. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 149-168, 1970.





FELIPE BELTRÃO, Jane; GOUVEIA CASTELO BRANCO BARATA, Camille; TORRES ALEIXO, Mariah. **Corporeidades silenciadas: reflexões sobre as narrativas de mulheres violadas / Corporealities silenced: reflections about the narratives of violated women.** Revista Direito e Práxis, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 592-615, mar. 2017. ISSN 2179-8966. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/25517>>. Acesso em: 05 jul. 2022. doi: <https://doi.org/10.12957/dep.2017.25517>.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber.** Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 1ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz & Terra, 2014b.

GALEÃO DE AZEVEDO, T. A. **Fascismo Contemporâneo: Uma Análise Sobre a Possibilidade da Existência de Práticas Fascistas na Contemporaneidade, à Luz da Teoria De Michel Foucault.** In: XXVI CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI, 2017, SÃO LUÍS-MA. FILOSOFIA DO DIREITO, 2017.

NASCIMENTO, Kamila. **O USO DA TEORIA DO PODER DE MICHEL FOUCAULT COMO FERRAMENTA TEÓRICA PARA ANALISAR RELAÇÕES DE PODER ENTRE POVOS INDÍGENAS: o caso dos povos Ticuna.** Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia. V. 4, p. 34-53, 2017. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/318510818\\_O\\_USO\\_DA\\_TEORIA\\_DO\\_PODER\\_DE\\_MICHEL\\_FOUCAULT\\_COMO\\_FERRAMENTA\\_TEORICA\\_PARA\\_ANALISAR\\_RELACOES\\_DE\\_PODER\\_ENTRE\\_POVOS\\_INDIGENAS\\_o\\_caso\\_dos\\_povos\\_Ticuna](https://www.researchgate.net/publication/318510818_O_USO_DA_TEORIA_DO_PODER_DE_MICHEL_FOUCAULT_COMO_FERRAMENTA_TEORICA_PARA_ANALISAR_RELACOES_DE_PODER_ENTRE_POVOS_INDIGENAS_o_caso_dos_povos_Ticuna). Acesso em 25 maio 2022.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina** in: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Buenos Aires, 2005.

ROCHA, Gabriela de Freitas Figueiredo. **Para descolonizar a diferença: as trajetórias de indígenas urbanos brasileiros na defesa das suas identidades e na construção de um Estado Intercultural.** Tese de doutoramento defendida no Programa de Pós Colonialismos e Cidadania Global da Universidade de Coimbra, 2020. Disponível em <http://hdl.handle.net/10316/94914> Acesso em 04 jul 2022.

SANCHES, Manuela Ribeiro. **Afinidades selectivas. Edward W. Said e a perspectiva pós-colonial,** p. 344-362. In BEBIANO, Adriana. (et.al.) **Pensamento crítico contemporâneo.** Lisboa: Edições 70, 2014. Disponível em: [https://books.google.com.br/books/about/Pensamento\\_Cr%C3%ADtico\\_Contempor%C3%A2neo.html?id=MkZEAwAAQBAJ&printsec=frontcover&source=kp\\_read\\_button&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books/about/Pensamento_Cr%C3%ADtico_Contempor%C3%A2neo.html?id=MkZEAwAAQBAJ&printsec=frontcover&source=kp_read_button&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false)

SILVA, Elizângela Cardoso de Araújo. **Povos indígenas e o direito à terra na realidade brasileira.** Serviço Social & Sociedade [online]. 2018, n. 133 [Acessado 2 Julho 2022] , pp. 480-500. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0101-6628.155>>. ISSN 2317-6318. <https://doi.org/10.1590/0101-6628.155>.



STANLEY, J. **Como funciona o fascismo: A política do “nós” e “eles”**. São Paulo: L&PM Editores, 2018.

TOLEDO QUADROS, Laura Cristina de; TOLEDO QUADROS MUSCO, Leticia de.  
**REFLEXÕES ACERCA DA SÉRIE THE BOYS: Aproximações entre o bem e mal interseções entre a ficção e a realidade**. Revista Abusões, n. 16  
e-ISSN: 2525-4022. Doi: <https://doi.org/10.12957/abusoes.2021.57930>. Acesso em 15 jun. 2022.

